MINIMANUAL DO JORNALISMO HUMANIZADO

Parte III:
Racismo

Minimanual do Jornalismo Humanizado
Parte III: Racismo

24 de outubro de 2016
thinkolga.com

ONG THINK OLGA LANÇA MANUAL ONLINE, EM FORMATO POCKET, COM CONJUNTO DE REGRAS BÁSICAS PARA EVITAR ERROS CLÁSSICOS NA ABORDAGEM DE NOTÍCIAS RELACIONADAS A GRUPOS MINORIZADOS.

DIVIDIDO EM CINCO PARTES, O MINIMANUAL DE JORNALISMO HUMANIZADO TRAZ EXEMPLOS PRÁTICOS E DIRETOS PARA JORNALISTAS E VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO QUE DESEJAM LIMPAR O CONTEÚDO EDITORIAL QUE PRODUZEM DE PRECONCEITOS E VISÕES LIMITADAS DA SOCIEDADE.

Parte III: RACISMO

Esta terceira parte é sobre pessoas negras e foi desenvolvida pela ONG Think Olga em parceria com a Cojira/SP (Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo) e com a equipe do Blogueiras Negras. Também foram entrevistadas as jornalistas e mulheres negras Juliana Gonçalves, Patrícia Gonçalves e Aline Ramos, sobre a maneira como a imprensa retrata as mulheres negras.

INTRODUÇÃO

De acordo com o último Censo do IBGE (2010), cerca de 52% da população é composta de pessoas negras — englobando as autodeclaradas pretas e as autodeclaradas pardas.
Se analisados os números de negros como fontes de reportagens, apresentadores, repórteres, editores ou mesmo personagens de matérias variadas que vão além da situação de violência, será possível perceber uma enorme lacuna — pessoas negras estão longe de representar a metade desses papéis na imprensa. A forma como elas são retratadas nos jornais, revistas, sites e programas televisivos é extremamente estereotipada negativamente, reforçando um imaginário racista e invisibilizando os diferentes papéis que ocupam na sociedade.

Há vários fatores por trás disso, como consequências da escravização, do racismo e da desigualdade social. No conjunto dos 10% mais pobres do País, 70% são negros, enquanto que, nos 10% mais ricos, somente 15% o são, segundo o IBGE. Vale lembrar que Brasil foi o país que mais traficou pessoas escravizadas. Calcula-se que cerca de 20% de todas as pessoas traficadas do continente africano foram trazidas para o Brasil (cerca de 5 milhões de pessoas, quantidade muito superior ao número dos EUA, de 400 mil). Ao mesmo tempo, há uma resistência em reconhecer o problema no Brasil. Segundo uma histórica pesquisa do Datafolha sobre racismo cordial, realizada em 1995, 90% dos brasileiros acreditam que há, sim, racismo no país, mas 95,7% negaram ter algum preconceito em relação a pessoas negras.

Como resultado, na imprensa a população negra continua aparecendo nos antigos papéis de criminosas, vítimas da violência e da pobreza e "mulata tipo exportação" enquanto pautas que importam para os grupos do chamado Movimento Negro, como saúde da população negra, relações entre raça e gênero e ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira (conforme citado na Lei Federal 10.639/03) aparecem em menos de 2% das notícias, segundo a pesquisa Imprensa e Racismo, realizada entre 2007 e 2010 pela ANDI – Comunicação e Direitos. De acordo com o estudo, é no noticiário sobre violência que é possível verificar uma das negligências mais sérias da cobertura jornalística, que é a desvinculação entre violência física praticada contra a população negra e o debate sobre seu contexto de produção, que é a violência simbólica. Quando a imprensa fala de violência física, não questiona se houve racismo, mesmo que as estatísticas apontem que a maior vítima de homicídio no Brasil é o jovem negro: apenas 3,2% das reportagens que falam de assassinato se referem ao tema racial.

A violência simbólica diz respeito a agressões que muitas vezes passam despercebidas e envolvem invisibilização de certos grupos, reforço de estereótipos negativos e falta de representatividade.
Neste manual, apresentamos casos de reportagens em que esses erros foram cometidos com explicações e recomendações. Acreditamos que o jornalismo tem a capacidade de legitimar discursos e práticas paralelamente à transmissão de notícias e ocupa um papel fundamental na transformação da cultura de um país. Por isso, pretendemos oferecer ferramentas básicas a jornalistas para que exterminem preconceitos e pratiquem um jornalismo mais plural, justo e humano.

1 TERMOS ADEQUADOS

Mulatas representam as mulheres africanas em desfile da Império da Tijuca

HTTPS://GLOBOPLAY.GLOBO.COM/V/2398056/

A mulata, que também desfila no carnaval pela Viradouro, revela seus segredinhos para manter o corpão escultural

HTTP://WWW.FUTEBOLINTERIOR.COM.BR/FUTEBOL/GATAS-FI/NOTICIAS/2016-07/MUSA-DO-BOTAFOGO-KELLY-QUINTANILHA-EXIBE-CORPAO-NA-PRAIA:-MUITO-SAMBA

Ao se referir a pessoas negras, não use termos como “morena”, “mulata” ou “de cor”. Descreva a pessoa como ela é: negra. A negritude abrange uma gama ampla de tonalidades e traços - e não é ofensa chamar alguém de negro(a).

A dificuldade em apontar alguém como negro(a) é sintomática do racismo na sociedade brasileira: para alguns, soa mais elogioso chamar de moreno(a). Na prática, usar esses termos funciona como uma tentativa de embranquecer e/ou evitar reconhecer que negras e negros existem e estão ocupando variados papéis na sociedade.

Já o termo “mulata”, ostensivamente usado durante o carnaval, vem do termo em latim mulus, que significa “mula”. Trata-se do animal resultante do cruzamento entre o cavalo e a mula e passou a ser aplicado à filha do homem branco com a mulher negra, colocando a mulher negra como pessoa de segunda categoria. Da mesma forma, as mulatas são tratadas como um objeto, um souvenir brasileiro a serviço dos turistas.

2 RISQUE EXPRESSÕES RACISTAS DO VOCABULÁRIO

Algumas expressões racistas foram tão naturalizadas que passam despercebidas no dia a dia. Como consequência, acabam aparecendo na imprensa e tendo sua naturalidade reforçada. Por isso, evite-as ao máximo, tanto na vida privada quanto no trabalho. Algumas delas são: mercado negro, denegrir, cabelo ruim/ cabelo bom, beleza "exótica", "da cor do pecado" e "inveja branca".

Marcelo Santos acusa Juninho de tentar denegrir sua imagem em Cariacica

HTTP://WWW.FOLHAVITORIA.COM.BR/POLITICA/BLOGS/BASTIDORES/2016/10/MARCELO-SANTOS-ACUSA-JUNINHO-DE-TENTAR-DENEGRIR-SUA-IMAGEM-EM-CARIACICA/

Para a equipe do candidato, "a página utilizava-se de má-fé, de preconceito e de inverdades sobre o candidato, denegrindo a sua imagem.

HTTP://ANOTICIA.CLICRBS.COM.BR/SC/GERAL/NOTICIA/2016/10/ASSESSORIA-DE-UDO-DOHLER-PUBLICA-NOTA-OFICIAL-SOBRE-SUSPENSAO-DO-FACEBOOK-7739687.HTML

Denegrir significa "tornar negro", mas a palavra é interpretada como "difamar", como se ser negro fosse algo difamatório ou vergonhoso. Mercado negro diz respeito ao que é ilegal, associando a negritude a ações ilícitas e/ou criminosas. Cabelo ruim, obviamente, é a negação da estética negra, associando cabelos afro à negatividade.

Inveja branca! Bruna Marquezine tieta meninos do One Direction

HTTP://REVISTAQUEM.GLOBO.COM/POPQUEM/NOTICIA/2014/05/INVEJA-BRANCA-BRUNA-MARQUEZINE-TIETA-MENINOS-DA-ONE-DIRECTION.HTML

Inveja branca é usada como a "inveja que não faz mal", mais uma vez ligando a cor preta à negatividade. "Da cor do pecado" era para soar elogioso, mas, em uma sociedade altamente influenciada pela religião, como a brasileira, pecar ainda é algo negativo e fortemente associado ao descontrole, associando os negros, mais uma vez, à incivilidade.

"Essas expressões reforçam que não somos ninguém, somos safados, nunca vamos ter protagonismo. Quando as pessoas brancas se sentem à vontade para nos colocar nesse lugar, mesmo que sejam amigas, nada vai mudar. Se a pessoa não liga, por que eu vou ligar? Por que me preocupar com a linguagem que eu uso?", questiona a jornalista e mulher negra, Patrícia Gonçalves.

3 NÃO ASSOCIE NEGROS A ANIMAIS

Fora da jaula, direto aos braços do povo brasileiro

Rafaela Silva supera erro em Londres e insultos racistas com grande atuação...

HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/AFRICADNA/PHOTOS/A.299715136759305.77861.278535572210595/1213335332063943/?TYPE=3&THEATER

Parece óbvio, mas continua passando batido. A associação de pessoas negras a macacos, jaulas ou qualquer ação ou objeto considerado animalesco é extremamente racista. Durante o período escravista, pessoas negras foram sequestradas, presas, torturadas, traficadas e vendidas como animais. Associar negros a macacos ou qualquer animal é a prova de que os resquícios desse período são muito fortes na nossa cultura.

4 ESTEREÓTIPOS NEGATIVOS

As mulheres negras e seus corpos são frequentemente representados através de estereótipos que criam e reforçam imaginários negativos. Um clássico é a “mulata tipo exportação”, já comentado anteriormente, que é ancorado no estereótipo da mulher negra hiperssexualizada. “Há sempre uma jogada, uma pergunta, uma imagem construída para remeter à sensualidade exacerbada. Mulheres negras representam perigo, ou são sedutoras ou os dois, são perigosas porque são sedutoras”, argumenta Aline.

Outro exemplo comum é o da mulher forte, mais uma herança escravocrata que foi usada durante o período colonial para justificar o trabalho árduo a que as escravas eram submetidas. Na imprensa brasileira, é comum, por exemplo, comentaristas esportivos se referirem a Serena Williams como “Serenão” por ela ser forte. É como se, para ser forte, uma mulher precisasse ser masculinizada ou como se mulher e força não combinassem, além de reafirmar estereótipos de pessoas negras como animalescas e agressivas.

5 INTERSECCIONALIDADE E INVISIBILIZAÇÃO

Mulheres ganham 24% menos do que homens no trabalho

HTTP://ZH.CLICRBS.COM.BR/RS/NOTICIAS/NOTICIA/2015/12/MULHERES-GANHAM-24-MENOS-DO-QUE-HOMENS-NO-TRABALHO-4930190.HTML

Exemplo positivo do mesmo jornal, que fez recorte de raça:

Mulher negra ganha menos de 40% do que homem branco no Brasil

HTTP://ZH.CLICRBS.COM.BR/RS/VIDA-E-ESTILO/NOTICIA/2016/03/MULHER-NEGRA-GANHA-MENOS-DE-40-DO-QUE-HOMEM-BRANCO-NO-BRASIL-5083605.HTML

A pesquisa Imprensa e Racismo, realizada pela ANDI – Comunicação e Direitos, em parceria com organizações ligadas ao Movimento Negro, analisou 54 jornais de todas as regiões do país entre 2007 e 2010 e apontou que temas importantes para o debate sobre racismo continuam invisíveis na imprensa. Alguns desses temas são saúde da população negra, relações entre raça e gênero e ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, que apareceram em menos de 2% das notícias pesquisadas.

"A cobertura da imprensa sobre temas relacionados à negritude é muito rasa, é como se estivéssemos até hoje respondendo a pergunta: existe racismo ou não? Temos negros aparecendo nas editorias de cultura, beleza e comportamento, acho isso fabuloso, mas por que as editorias de cidade, cotidiano, política, ciência não abordam essas questões?", questiona a jornalista e mulher negra Aline Ramos.

Interseccionalidade é a chave aqui: ao falar sobre variados assuntos, inclua, sempre que possível, o fator raça. Inclusive quando for pautar assuntos sobre mulheres, faça os devidos recortes de raça, classe e orientação sexual. Tente ao máximo fugir da universalização de ser mulher, pois normalmente, essa figura universal de humanidade diz respeito apenas a mulheres brancas. Alguns exemplos:

- Como as pessoas negras são prejudicadas com a violência ou a pobreza?
- Como é no mercado de trabalho?
- Como esse tratamento de pele age em tons escuros?

É interessante também pensar em pautas não óbvias e ir além da questão "há ou não há racismo?" Racismo existe e é estrutural, ponto. Vamos abordar pautas novas? "Há várias pautas que temos que cumprir como jornalistas e a mídia deixa de fazer recortes essenciais e que seriam de fundamental importância para a sociedade. Um exemplo é o racismo na infância. Fala-se muito em adoção, mas ninguém discute como as famílias brancas recebem as crianças negras, se elas estão preparadas ou não.
Aí chega o dia das crianças e falam dos preços dos brinquedos. Eu falaria da porcentagem de crianças negras que são adotadas e a porcentagem de bonecas negras entre os brinquedos disponíveis nas lojas", argumenta Patrícia.

6 CHEGA DE IDEAIS EUROCÊNTRICOS DE BELEZA

Nariz largo

Esse probleminha que desagrada tanto algumas mulheres, pode ser disfarçado apenas com técnicas de contorno

HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/PHOTO.PHP?FBID=1218008211584370&SET=P.1218008211584370&TYPE=3&THEATER

O correto aqui seria, em primeiro lugar, não assumir que um nariz largo deve ser corrigido. Lábios grossos, nariz largo, cabelo crespo são características comuns das pessoas negras que não necessitam de correção, pelo contrário. "O ideal de beleza construído dialoga com as características de uma pessoa branca. Mesmo uma pessoa negra é julgada bonita se ela se aproxima ou se afasta desses ideais brancos", diz Juliana Gonçalves, jornalista, mulher negra e membro do Cojira/SP (Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial de São Paulo).

Da mesma forma, é necessário colocar mais mulheres negras em capas de revista, ensaios de moda, como modelos de maquiagem e personalidades em entrevistas, etc. Fale com as mulheres negras, elas também leem revistas e consomem informação sobre beleza. Apesar de o último ano ter contado com um aumento expressivo de mulheres negras protagonizando capas de revista, as brancas continuam a dominar esse espaço.

"Há mais matérias falando o que não combina para nossa pele e cabelo do que mostrando exemplos positivos. Lendo essas revistas, eu tinha a sensação de que é impossível ser bonita, afinal, nada combina com a nossa pele. A repetição de mulheres brancas nas capas comunica algo, a ausência de mulheres negras também comunica algo. O que essas revistas estão gritando é que ser negra é feio, errado. Bom, se a sua existência é considerada errada pela sua raça, cor ou etnia isso só pode ser racismo, né?", diz Aline Ramos.

7 QUESTIONE OPINIÕES RACISTAS

> Não consigo entender como ele (o colunista) pode aprovar a vinda de haitianos, senegaleses e outros similares, não na cor, pois não sou racista, mas pelo índice cultural, que conforme informa a imprensa é em 90% dos casos baixíssimo.
> (...) é comprovado que pessoas com pouca ou quase nada de formação profissional e cultural tem uma tendência natural de caírem para o lado do crime, roubo e tráfico e fatalmente vão ocupar vagas nos presídios.

HTTP://WWW.CARTACAPITAL.COM.BR/SOCIEDADE/ZERO-HORA-VAMOS-FALAR-DE-RACISMO-6431.HTML

Publicar a opinião dos leitores no jornal é uma decisão editorial. Escolher publicar um comentário racista torna a posição do jornal igualmente racista. Nesse comentário, o leitor utiliza de informações falsas, associando negritude a propensão ao crime. Isso não é opinião, mas discriminação racial.

> **Em outra gafe, Paes sugere que mulher 'trepe muito' em novo apartamento**

HTTP://OGLOBO.GLOBO.COM/RIO/EM-OUTRA-GAFE-PAES-SUGERE-QUE-MULHER-TREPE-MUITO-EM-NOVO-APARTAMENTO-20006827

Há uma evidente confusão entre gafe e racismo. Gafe, segundo o dicionário, é um vacilo ou uma mancada. Associar uma mulher negra à lascividade é uma herança racista do período escravocrata, quando se acreditava, por exemplo, que mulheres negras poderiam ser estupradas porque eram "naturalmente mais sexuais do que as brancas" e eram usadas como amantes dos senhores de escravos.

> **"Acho que sou afrodescendente, de tanto que apanhei", diz Dunga**

HTTP://GLOBOESPORTE.GLOBO.COM/FUTEBOL/SELECAO-BRASILEIRA/NOTICIA/2015/06/ACHO-QUE-SOU-AFRODESCENDENTE-DE-TANTO-QUE-APANHEI-DIZ-DUNGA.HTML

Aqui, a frase extremamente racista do técnico brasileiro Dunga ("Eu até acho que eu sou afrodescendente de tanto que apanhei e gosto de apanhar") é meramente utilizada para ganhar audiência sem nenhum posicionamento sobre a problemática contida no que foi dito. Em vez de publicar uma mera decupagem da entrevista com uma frase tão infeliz que propaga discursos racistas, o ideal é fazer alguma referência à citação problemática e, se possível, apresentar uma crítica com as aspas de algum(a) especialista.

8 HUMANIDADE COM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA

Mulher arrastada por carro da PM foi morta por tiro, aponta laudo

HTTP://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/COTIDIANO/2014/03/1427471-MULHER-ARRASTADA-POR-CARRO-DA-PM-FOI-MORTA-POR-TIRO-APONTA-LAUDO.SHTML

Um caso emblemático de desumanização da mulher negra foi o sensacionalismo com que a imprensa cobriu o assassinato de Claudia Silva Ferreira pela Polícia Militar. Nas manchetes, Claudia ficou conhecida como "mulher arrastada" e sua identidade foi completamente ignorada, ou ainda pior, associada a rumores que tentavam desqualificar Claudia de alguma forma.

"A identidade de Claudia foi completamente desvalorizada ou distorcida, mesmo as matérias que eram fidedignas tentavam negativar sua personalidade de alguma maneira, espalhar que ela era traficante ou tinha alguma ligação ilícita e as reportagens falavam disso como se assim tirassem o peso da violência que ela havia sofrido", afirma Juliana.

Após morte, família acusa PMs de espancar mulher em Ribeirão Preto

HTTP://G1.GLOBO.COM/SP/RIBEIRAO-PRETO-FRANCA/NOTICIA/2016/04/APOS-MORTE-FAMILIA-ACUSA-PMS-DE-ESPANCAR-MULHER-EM-RIBEIRAO-PRETO.HTML

Outro caso foi o de Luana Barbosa, também assassinada brutalmente por policiais militares. Muitas matérias apresentaram versões de amigos de Luana versus as de policiais militares, sem contestar ou checar laudos para confirmar a veracidade das informações. Também faltou crítica em relação à óbvia lesbofobia e ao racismo a que Luana foi submetida. "A maior parte das matérias que falavam sobre Luana buscavam retratar uma mulher violenta, com antecedentes criminais, como se quisessem justificar a ação da PM", diz Aline.

9 REPRESENTATIVIDADE IMPORTA

Quantas mulheres negras você já utilizou como fonte de matéria? Quais são os espaços que as mulheres negras ocupam no seu veículo? Em boa parte do noticiário, a mulher negra só ocupa lugares estereotipados: é a vítima de violência, a empregada doméstica, a mulher sedutora, a revoltada, em situação de miséria… Poucas vezes ela aparece como a especialista, empresária de sucesso, comentarista política. Ir atrás dessas mulheres depende do(a) jornalista.

"A imprensa não vê mulheres negras como atrizes sociais que podem contribuir. Nas pautas, vemos negras quando elas correspondem ao lugar socialmente construído como vítima social, quando tem violência, abusos, mas em geral não há essa preocupação na construção do imaginário da mulher negra. Elas não são vistas como fonte de matéria qualificada e, quando são vistas, é apenas para falar sobre aspectos da negritude, ou quando correspondem a esse lugar marginal, construído socialmente", diz Juliana.

10 ESCOLHA DE FONTE E IMAGENS

Nos mais variados assuntos, de construção civil até crise econômica, na maioria das vezes os entrevistados escolhidos são homens brancos. Fique atento(a) a esse padrão e procure diversificar, contemplando mulheres e negros em todas as suas pautas. Há bancos de dados para esse fim, como o Entreviste Uma Mulher e o Entreviste um Negro.

Sobre as imagens, na hora de ilustrar a matéria, busque personagens negras e negros. Bebês, mulheres jovens, casais, idosos. Evite colocar a imagem de uma criança negra chorando, em situação de vulnerabilidade extrema, mesmo que a pauta seja uma denúncia sobre isso. Tente trazer exemplos positivos com imagens de mulheres negras em situações de liderança, com protagonismo positivo, por exemplo.

thinkolga.com